

## VOLTA AOS PAGOS

Jayme Caetano Braun

Há pouco, andei camperando,  
revendo a velha querência,  
foram comigo, floreado,  
elas terminaram voltando,  
quando se retorna ao pago,  
uma volta é sempre um trago  
que descontraí e que amansa  
e a alma é como criança  
quando recebe um afago...

Depois de cruzar a “ponte”,  
voltei, rumo á Timbauva,  
os campos pedindo chuva,  
com fumaças no horizonte  
e foi levando em reponte,  
recuerdos que sempre trago,  
o destino do índio vago  
benzido com fio de crina,  
que anda, desanda e termina,  
bebendo os ares do pago.

Me fui, tranquilo, “despacito”.  
matando a sede de andar,  
até passei no lugar  
da “Venda do Bonifácio”,  
o negro Tio Anastácio,  
não pude ver novamente,  
amaldiçoei, de repente,  
o destino, esse maleva,  
que, alo largo, sempre leva,  
as coisas caras pra gente...

Sempre que a gente repisa,  
rastros, de há muito pisado,  
há soluços esmagados  
que o coração memoriza:  
Uma sanga, uma divisa,  
a venda do “fala fina”,  
o arvoredado que se enclina,  
marcando a casa da Cléia,  
terra nova, terra velha,  
verberando na retina...

Ah! O açude do “Zilico”,  
depois a casa de lata,  
onde a chuva em serenata,  
chama o piazedo do “Tico”,  
na frente é soja, me achico,  
me dói na alma campeira,

mas sigo a marcha chasqueira  
e a ser guri, recomeço,  
como sempre que atravesso  
o “Passo das Laranjeiras”!

Velho”Rincão da Tapera”,  
e a “invernada da lagoa”,  
o silêncio é coisa boa,  
faz tudo ser o que era,  
há um cheiro de primavera  
que vem dos campos cortados,  
divididos, apertados,  
eu me paro em agonia,  
e o vento quente assobia  
nas bordonas do alambrado!

Passei defronte a “Cabanha”  
lar da minha juventude,  
relicário do índio rude,  
imagem que acompanha,  
tarde triste de campanha,  
quase pedi uma pousada,  
mas a alma, atravessada,  
me fez continuar, de largo,  
depois de um olhar amargo,  
não vi o “França” na ramada.

Logo ali adiante o “jazigo”,  
que a guajuvira sombreia,  
ali o payador apeia,  
um adeus pro velho amigo  
que tem andadpo comigo,  
juntaos, como sempre andamos,  
não rezo, apenas charlamos,  
dentro da tarde serena,  
e o vento agita a melena  
dos ramos, do Danton Ramos.

E um churrasco de cap´~ao,  
pra terminar o relato,  
grácias, amigo Renato,  
grácias, Aníbal Padrão,  
e á peonada do galpão,  
nesta homenagem que presto,  
a cambona tem um resto  
que dá pra um mate de mano,  
na Estância de São Caetano,  
onde viveu Tio Modesto.